

# Simpósio discute depressão

DA REDAÇÃO

A Academia Nacional de Medicina (ANM), no Centro, realizou na quinta-feira simpósio com o tema depressão, que discutiu o problema de saúde que atinge milhões de pessoas atualmente. Os psiquiatras e acadêmicos Jorge Alberto Costa e Silva, Adolpho Hoirisch e Antonio Egidio Nardi, coordenaram um debate de ideias, dados de pesquisa e de vasta experiência clínica.

O presidente da ANM, Francisco Sampaio, lembrou que um dos maiores problemas da depressão é o seu desconhecimento. O indivíduo deprimido sofre muito e a falta de interesse pela vida e pelas coisas do cotidiano, o que muitas vezes é confundido com preguiça, falta de

garra ou mesmo de caráter. Afirmou que o simpósio em muito contribuiu para o conhecimento desta doença, que já é considerada por muitos como o mal do século XXI, ao lado da síndrome do pânico.

No começo do encontro, Nardi apresentou breve histórico da evolução do conhecimento sobre depressão e os vários critérios para definir o que é a depressão resistente ao tratamento. Apresentou dados sobre o custo social e individual deste mal sempre presente na clínica de todas as especialidades médicas. Esclareceu a diferença entre remissão (recuperação total) e resposta ao tratamento (melhora, mas persistem alguns sintomas). A simples melhora, apesar de trazer alívio para o paciente, aumenta o risco de no-

vos episódios e traz prejuízo crônico para a qualidade de vida do paciente. Alertou que o maior perigo está em o paciente melhorar, se sentir aliviado do sofrimento maior, e interromper o uso da medicação. Ele explicou que, em geral, a depressão nestes casos retorna com maior gravidade.

O professor Marco Antônio Brasil, da Universidade Federal do Rio (UFRJ) discutiu a ocorrência e a frequência de depressão em pacientes com outras doenças de caráter orgânico, como hipertensão arterial, diabetes, câncer e etc. Estes pacientes têm uma chance menor de que o diagnóstico de depressão seja realizado, e mesmo quando identificado, raramente são tratados de forma correta para a depressão.

Mostrou que muitas vezes, doenças incapacitantes são associadas à depressão, e o tratamento adequado da depressão pode atenuar o sofrimento e melhorar a qualidade de vida destes pacientes.

Já o professor José Carlos Appolinário, também da UFRJ, apresentou as inúmeras possibilidades de tratamento medicamentoso e psicoterápico para a depressão de difícil tratamento. Entre elas a troca do antidepressivo, a associação com outros antidepressivos ou outras drogas, como o lítio e hormônios tireoidianos.

Por fim, o professor Ricardo Moreno, da Universidade de São Paulo (USP), apresentou o estudo intitulado 60 anos de antidepressivos: o que há de novo?